Como trabalhar com o povo Paulo Freire

Indice

- Apresentação
- Introducão
- Ninguém está só no mundo
- Ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo
- Assumir a indenuidade do educando
- Conclusão

Apresentação à 2a. Edição

Este livrinho é fruto de um bate-papo entre Paulo Freire e um grupo de pessoas (CEBs. Pastoral da Juventude. Pastoral Operária. Oposição Sindical Metalúrgica) empenhados no trabalho de educação popular. na V.Alpina. Zona Leste de São Paulo. no início da década de 80.

Na época, o pessoal ficou tão animado que resolveu transcrever a fala de Paulo Freire e publicar um subsídio que servisse de luz para tantos outros educadores populares. A socialização deu certo, tanto que agora estamos lançando esta 2a. edição, mesmo sabendo que já é outra a conjuntura sócio-político-eclesial. Acontece que a atualidade dos princípios então colocados por Paulo Freire é enorme e vem de encontro às grandes interrogações que nos fazemos hoje em meio à desagradável sensação de que "andamos nos perdendo no caminho" nestes últimos anos.

Paulo Freire pocura acentuar a importância da nossa postura frente às práticas populares, pois não basta "querer mudar" a sociedade, é preciso "saber mudar", e mais ainda, saber mudar numa direção de igualdade e liberdade. Acreditamos que este subsídio é um bom instrumento de avaliação da nossa atuação nos movimentos populares, nas pastorais, etc, além de nos ajudar a abrir novas perspectivas e alimentar a esperança de recriar o futuro "pactentemente impacientes". como diz Paulo Freire.

Introdução Conselho Editorial do EC J

Como se dá a relação teoria e prática?

Em primeiro lugar, o moço ali tem razão, quando afirmou que não se pode ficar só na teoria. O que ensina a gente é fazer coisas. É a prática da gente. É claro que não faz mal nenhum ler um livro ou outro. Há um livrinho aí muito bom, escrito pelo Professor Brandão: "O que é o Método Paulo Freire" (Coleção Primeiros Passos — Ed.Brasiliense), por exemplo. Mas o que é fundamental é fazer. É lançar—se numa prática e ir aprendendo—reaprendendo, criando—recriando, com o povão. Isso é que ensina a gente. Agora, se há possibilidade de bater um papo com quem tem prática ou com quem já teve prática, ou com que tem uma fundamentação teórica, a

propósito da experiência, é excelente. Eu me comprometo a fazer isso. Eu acho válido. A minha assessoria tem certo sentido. Agora, o que é preciso é **fazer**. Assim a gente vai tendo a sensação agradável de estar descobrindo as coisas com o povo. Então aí eu tenho a impressão de que hoje não caberia uma palestra sobre o método. Não foi para isso que eu vim agui.

Mas eu tenho a impressão que poderia colocar a nós, e não a vocês, porque eu coloco a mim também alguns elementos, chamemos até de princípios. Estes princípios são válidos não apenas pra quem está metido com a alfabetização, mas pra quem está participando em qualquer tipo de pastoral. Não importa se está fazendo alfabetização de adultos ou trabalhando na pastoral operária, qualquer uma que seja. É válido até pra quem é médico e trabalha com o povão.

1Ninguém está só no mundo

O primerio princípio que eu acho que seria interessante salientar aqui é o seguinte: Enquanto educadores/educadoras, devemos estar muito convencidos de uma coisa que é óbvia: a de que NINGUÉM ESTA SO NO MUNDO. Dá até para dizer - mas Paulo, como é que você foi arranjar um negócio tão besta desses? Mas vamos ver que implicações a gente tira da constatação, porque isso é constatação, ninguém precisa pesquisar.

Agora, o que é fundamental não é, portanto, fazer uma constatação. Fazer a constatação é muito fácil. Basta estar aqui, estar vivo. O que é importante é encarnar essa constatação com um bando de consequências, um bando de implicações. A primeira delas, sobretudo no campo da educação, que é o nosso, é a de que se ninguém está só, é porque os seres humanos estão no mundo com outros seres.

"Estar com os outros significa necessariamente respeitar nos outros o direito de dizer a palavra."

Aí já começa a embananar pra quem tem uma posição nada humilde, de quem pensa que conhece a verdade toda, e portanto, tem que meter na cabeça de quem não tem a verdade. Isso tem uma implicação no campo da teologia que eu acho muito importante. Mas não vamos discutir isso hoje. Eu gosto de falar dessas coisas também porque no fundo eu sou um teólogo, porque sou um sujeito desperto, um homem em busca da preservação da sua fé. E é inviável procurar preservar a fé sem fazer teologia, quer dizer, sem ligar, sem ter um papo com Deus. A minha vantagem é que eu nunca fiz curso de Teologia Sistemática, então aí eu posso cometer heresias maravilhosas.

Saber ouvir

Voltando àquele negócio; a primeira implicação profunda e rigorosa que surge quando eu encarno que não estou só, é

feias. que são tão bonitas. Quando eu era muito moco, me contaram uma estória que se deu. dizem com Henry Ford. Diz que o Henry Ford reuniu os técnicos dele. os assessores. etc. e disse: "olha. vamos (deve ter sido em Detroit), vamos aqui discutir o modelo novo dos carros Ford". Então os técnicos começaram : "Sr:Henry, vamos dar um jeito de acabar com esses carros só pretos e feios. danados, vamos tacar o carro marrom, carro verde, carro azul, mudar o estilo, fazer um negócio mais dinâmico". Então quando deu 5 horas dizem que o Henry Ford disse: "Olha, eu tenho um negócio agora. vamos fazer o seguinte: amanhã a gente se reúne aqui as 5 horas para decidir esse negócio". No dia seguinte. às 16h45 os assessores estavam todos na sala e às 16h50 a secretária de Ford entrou na sala e disse: "Senhores o sr. Ford não pode vir a esta reunião, mas ele pede que os senhores se reúnam e ele diz também que concorda com os senhores, desde que seja preta a cor dos carros". Isso é exatamente o que está aí. Se o povo brasileiro concordar que a abertura deve ser assim, ela existe, se não... é uma coisa extraordinária, isso! Uma coisa fantástica. Mas existe, tá aí. Então, eu falo contigo quando sou capaz de escutar, e se sou capaz, eu falo "A" ti. No falar "A" e no falar "SOBRE", falar "A" significa falar em torno, eu falo a ti sobre a situação tal. Se eu, pelo contrário, escuto também, então a consequência é a mesma para um trabalho de alfabetização de adultos, educação sanitária, saúde, discussão do evangelho. de religiosidade popular. etc. Se eu me convenci desse falar COM, desse escutar, meu trabalho parte sempre das condições concretas em que o povo está. O meu trabalho parte sempre dos níveis e das maneiras e formas como o povo se compreende na realidade e nunca da maneira como eu entendo a realidade. Tá claro assim?

Desmontar a visão mágica

Vou dar um exemplo bem concreto! Quando eu tinha 7 anos eu já não acreditava que a miséria era punição de Deus. Então vocês hão de convir comigo que já faz muito tempo que eu não acredito nisso. Mas vamos admitir que eu cheque para trabalhar numa certa área, cujo nível de repressão e opressão, de espoliação da comunidade é tal. que por necessidade, inclusive de sobrevivência coletiva, essa comunidade afoga-se em toda uma visão alienada do mundo. Nessa visão Deus é o responsável por aquela miséria, e não o sistema que está aí. Nesse nível de consciência, de percepção da realidade, é preciso às vezes acreditar que Deus é mesmo o responsável, porque sendo Deus, o problema passa a ter uma causa superior. É melhor acreditar que é Deus, porque aí não se tem a necessidade de brigar, com medo de morrer, do que acreditar que não é Deus. Esta é uma realidade que existe. Eu não sei como é que os jovens de esquerda não percebem esse treco ainda sô! Então não é possível chegar a uma área como essa e fazer um discurso sobre a luta de classe. Não dá, mas não dá mesmo! É

exatamente o direito e o dever que eu tenho de respeitar em você o direito de você dizer a palavra também. Isso siginifica então que é preciso também saber ouvir. Na medida, porém, em que eu parto do reconhecimento do teu direito de dizer a palavra, quando eu falo porque te ouvi, eu faco mais do que falar a ti, eu falo contigo. Eu não sei se estou complicando. E veja bem. eu não estou fazendo jogo de palayras. Estou usando palayras. Veja que eu usei a preposição A, "falar A ti". mas disse que o "falar A ti" só se converte no falar contigo, se eu te escuto. Vejam como no Brasil tá cheio de gente falando pra gente, mas não com a gente. Faz 480 anos que o povão brasileiro leva porrete. Então, vejam bem o que é que tem que ver com o trabalho do educador. Vejam lá. numa posicão autoritária. evidentemente a educadora/educador, falam ao povo. Falam ao estudante. O que é terrível é ver um montão de gente que se proclama de esquerda e continua falando ao povo e não com o povo, numa contradição extraordinária com a própria posição de esquerda. Porque o correto da direita é falar ao povo. enquanto o correto da esquerda é falar com o povo. Pois bem. esse "trequinho" eu acho de uma importância enorme. Então essa é a primeira conclusão que eu acho que a gente tira quando a gente percebe que não está só no mundo.

O que é o método paulo freire?

Mas quando a gente encarna e vive este não estar só no mundo. isso tem a ver com o chamado **Método Paulo Freire**. Mas eu não gosto de falar nisso, que é um negócio chato pra burro. Porque isso, no fundo, não é Método. Não é nada, isso é uma CONCEPÇÃO DO MUNDO, que tá aí, é uma pedagogia e não um método cheio de técnicas. Eu acho que a gente sabe muito mais as coisas quando a gente aprende o significado disso que eu disse e põe em prática, do que quando tá pensando no "ba-be-bi-bo-bu". O "ba-be-bi-bo-bu" só se encarna quando esse outro princípio é respeitado.

Veja bem, se o alfabetizador não está sobretudo disposto a viver com o alfabetizando uma experiência na qual o alfabetizando diz a sua palavra ao alfabetizador e não apenas escuta a do alfabetizador, a alfabetização se autentica, tendo no alfabetizando um criador da sua aprendizagem. Pois bem, esse é um princípio que eu acho fundamental.

Agora, uma outra consequência disso, desse falar **a** e falar **com**: eu só falo **com** na medida que escuto também.

"Eu só escuto na medida em que eu respeito, inclusive o que fala me contradizendo".

Porque se a gente só escuta o que concorda com a gente, puxa! É exatamente o que tá aí no poder. Quer dizer, desde que vocês aceitem as regras do jogo, a abertura prossegue. Eu gosto muito de anedotas, inclusive as anedotas chamadas

absoluta inconsistência teórica científica. É ignorância da ciência. fazer um treco desse.

é claro que um dia vai chegar o negócio da classe, mas é impossível enquanto não desmontar a visão mágica, a compreensão mágica. Forque vê bem, se houvesse uma possibilidade de uma participação ativa, de uma prática política imediata, essa visão se acabaria.

"Então é uma violência você querer esquecer que a comunidade ainda não tem a possibilidade de um engajamento imediato".

Aí então o que acontece é que você vai falar à comunidade e não com a comunidade. Você faz um discurso brabo danado. E o que é que você faz com esse discurso? Cria mais medo. Mete mais medo na cabeça da população. Quer dizer, que o que a gente tem que fazer é partir exatamente do nível em que a massa está.

Diante de um caso como esse há duas possibilidades:

- 1. A primeira é a gente se acomodar ao nível da compreensão que a comunidade tem, e a gente passar a dizer que na verdade é Deus mesmo que quer isso. Essa é a primeira possibilidade de errar.
- 2. A segunda possibilidade de errar é arrebentar com Deus e dizer que o culpado é o imperialismo. Vejam a falta de senso desse pessoal. Porque no fundo isso é falta de compreensão do fenômeno humano, da espoliação e das raízes. É engraçado, se fala tanto em dialética e não se é dialético. (Dialética é o processo de conhecimento pelo qual se acerta o caminho certo, através de um processo de reflexão em cima da realidade ou prática).

Vamos ver o que acontece na cabeça das pessoas. Se Deus é o responsável e Deus é um caboclo danado de forte, o criador desse treco todinho, o que é que não pode gerar na cabeça de um cara desse se a gente chega e diz que não é Deus? A gente tem que brigar contra uma situação feita por um ser tão poderoso como este e ao mesmo tempo tão justo. Essa ambiguidade que está aí significa pecado. Então a gente mete mais sentimento de culpa ainda na cabeça da massa popular.

Deus é o culpado

O que a gente tem que fazer num caso como este é aceitar. Eu me lembro por exemplo, que antes do golpe de Estado, quando eu trabalhava no Nordeste, de um bate papo que eu tive com um grupo de camponeses em que a coisa foi essa: Dentro de poucos minutos os camponeses se calaram e houve um silêncio muito grande e em certo momento um deles disse: "O senhor me desculpe, mas o senhor é que devia falar e não nóis". Eu disse: "porquê?". Ele disse: "porque o senhor é o que sabe e nóis não sabemos". Eu Então disse: "Ok. eu aceito que eu sei

e vocês não sabem! Mas por que é que eu sei e vocês não sabem?" Então vejam: Eu aceitei a posição deles no lugar de me sobrepor à posicão deles. Eu aceitei a posição deles mas ao mesmo tempo indaquei sobre eles. Eles voltaram ao papo e aí respondeu um camponês: "o senhor sabe porque o senhor foi à escola e nós não fomos". Eu disse: "Eu aceito, eu fui à escola e vocês não foram. mas por que é que eu fui à escola e vocês não foram?" "Ah! o senhor foi porque seus pais ouderam e os nossos não". Eu disse: "muito bem eu concordo. mas por que os meus pais puderam e os de vocês não puderam?" - "Ah o senhor pôde porque seus pais tinham condição, bom trabalho, tinham bom emprego e os nossos não." "Eu aceito. mas por que os meus tinham e os de vocês não?" "Ah! porque os nossos eram caponeses." Aí um deles disse: "O meu avô era camponês, o meu pai era camponês, eu sou camponês, meu filho é camponês, meu neto vai ser camponês! (aí vem a concepção fatalista da história) "o que é ser camponês?" - "Ah! camponês é não ter nada. é ser explorado". Eu disse: "mas que é que explica isso tudo?" Ele disse: "Ah! é Deus! é Deus que quis que o senhor tivesse e nós não". Eu disse: "Ok, eu concordo. Deus é um cara bacana! é um sujeito poderoso! Agora eu queria fazer uma pergunta: quem aqui é pai?" Todo mundo era. Olhei assim, prá um e disse: "Você quantos filhos tem?" Ele disse: "Tenho seis." Eu disse: "Vem cá. voçê era capaz de botar 5 agui no trabalho forcado e mandar 1 para o Recife, tendo tudo lá - comida, hotel - pra estudar e ser doutor, e os 5 aqui morrendo no porrete, no sol?" Ele disse: "Eu não fazia isto não" "Então você acha que Deus é poderoso, que é pai, ia tirar essa oportunidade de vocês? Será que pode?" Aí houve um silêncio e disseram: "É não, não é Deus nada. é o patrão!" Quer dizer, aí sim, seria uma idiotice minha se eu dissesse que é o patrão imperialista Yanque. E o cabra ia dizer: "o que é, onde mora esse home?" Olha a transformação social se faz com ciência, com consciência, bom senso, humildade, criatividade e coragem. Vê que é trabalhoso, né? Não se faz isso na marra, no peito. O voluntarismo nunca fez revolução em canto nenhum. Nem espontaneismo tampouco. Implica em COM-VIVENCIA COM AS MASSAS POPULARES e não a distância delas. Então esse é o princípio que eu deixaria aqui.

Perguntas

- 1. O que mais lhe chamou a atenção no texto?
- 2. Que tipo de vivência temos com pessoas "alienadas", no ônibus, no bairro, na escola? Cite exemplos.
- 3. Na prática dos nossos grupos estamos com o povo ou para o povo? Cite Exemplos.
- 4. Porque existem poucas experiências de "falar COM O POVO" e muitas experiências de "FALAR PARA O POVO"?
- 5. Qual era o jeito que Jesus tinha de lidar com o povo e qual a relação disso com nossa prática atual?
- 6. Como podemos viver a experiência dos companheiros e escutá-los para assim despertar neles uma consciência

crítica através de um processo de reflexão/ação? Indique pistas concretas.

2Ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo

Um outro princípio, que a gente tira daquele COM e do A, é o seguinte: é que NINGUÉM SABE DE TUDO NEM NINGUÉM IGNORA TUDO, o que equivale a dizer, não há, em termos humanos, sabedoria absoluta nem ignorância absoluta.

Eu me lembro, por exemplo, de um jogo que eu fiz no Chile, no interior, numa casa camponesa, onde os camponeses estavam inibidos sem querer discutir comigo, dizendo que eu era doutor. Eu disse que não e propus o jogo que era o seguinte: Eu pequei um giz, fui pro quadro negro e disse: "Eu faço uma pergunta a vocês e, se vocês não souberem, eu marco um gol. Em seguida vocês fazem uma pergunta pra mim, e se eu não souber. vocês marcam um gol.

Quem vai fazer a primeira pergunta sou eu, eu vou dar o primeiro chute". E então, de propósito, disse: "Eu gostaria de saber o que é a hermenêutica socrática". Já disse mesmo um treco difícil, treco que veio de mim, um intelectual. Eles ficaram rindo não sabiam lá o que era isso. Aí eu botei um gol para mim. Agora são vocês. Um deles se levanta de lá e me faz uma pergunta sobre semeadura. Eu não entendia pipocas! Como semear nem o quê... Aí eu perdi, foi um a um. Aí eu disse a segunda pergunta: o que é alienação em Hegel? Aí, dois a um, aí eles levantaram de lá e me fizeram uma pergunta sobre praga. Foi um negócio maravilhoso. Chegou a 10 a 10, e os caras se conveceram no final do jogo, na verdade ninguém sabe tudo e ninguém sabe nada.

Elitismo

Mas isso que o nível teórico, o intelecto diz, a gente precisa é viver! É essa minha ênfase. Todo mundo aqui sabe que não está só no mundo. Ok. Mas é preciso viver a consequência disso. sobretudo se a opção é libertadora. O que é preciso é encarnar isso, sobretudo quando a gente se aproxima da massa popular arrogantemente, elitistamente, para salvar a massa inculta, incompetente, incapaz; isso é absurdo! Porque, inclusive não é científico. Há uma sabedoria que se constitui na massa popular pela prática.

Basismo

Agora há também um outro equívoco, que é o que também se chama de "basismo". Ou você está dentro da base, o dia todo, a noite toda, mora lá, morre lá, ou não dá palpite nunca! Conversa fiada, esse treco também não tá certo, não. Esse negócio de superestimar a massa popular é um elitismo às avessas. Não há porque fazer isso não sô! Eu pelo menos, é claro, sou um intelectual, e sou um intelectual de mão fina, a sociedade burguesa em que eu me constituí como intelectual

não poderia me ter feito diferentemente. E eu sou humilde pra aceitar uma verdade histórica que é o meu limite histórico, ou então me suicido! E eu não vou me suicidar, porque é dentro dessa contradição que eu me forjo como um novo tipo de intelectual. Então eu entendo esse treco. E tenho uma contribuição a dar à massa popular. Nós temos uma contribuição a dar.

Agora pra mim o que é fundamental é o seguinte: é que essa contribuição só é válida na medida em que eu sou capaz de partir do nível em que a massa está e, portanto, de aprender com ela. Se não for assim, então a minha contribuição não vale nada, ou pelo menos vale muito pouco. Então esse é o outro princípio independentemente de tecnicazinha de ba-be-bi-bo-bu. Quer dizer. é esse estar COM o povo e não simplesmente PARA ELE e jamais SOBRE ELE. É o que caracteriza uma postura realmente libertadora. E bacana era se a gente tivesse tempo de ir mostrando essas afirmações à luz da experiência para peceber o que significam.

Perguntas

- 1. Reveja a ação proposta na reunião anterior. Se houve falhas, por quê?
- 2. Muitas vezes a gente fala que o povo lá do bairro é ignorante, não sabe das coisas. Como fica então essa afirmação: "Ninguém sabe de tudo e nem ignora tudo"? 3. O que é ser culto?
- 4. Por que as classes populares consideram que as pessoas que têm diplomas sabem tudo?
- 5. Quais são as consequências dessa atitude para as pessoas e para a sociedade?
- 6. Como Jesus valoriza as pessoas? (Um trecho do Novo Testamento deve ter sido previamente escolhido para facilitar a discussão)
- 7. O que podemos fazer a partir desta discussão?

3Assumir a ingenuidade do educando

Mas outro princípio que eu acho fundamental é a capacidade que a gente tem de assumir a ingenuidade do educando, seja ele universitário ou popular. Eu estou cansado de me defrontar nas universidades onde eu trabalho, com ingenuidades, com perguntas que às vezes eu não entendo. Mas não entendo porque o cara que está fazendo a pergunta não sabe fazer. Agora vocês imaginem o seguinte: que pedagogo seria eu se, ao ouvir uma pergunta mal formulada, desorganizada e sem sentido, eu respondesse com ironia. Que direito teria eu em dizer que sou um educador que pensa em liberdade e respeito? De maneira nenhuma. E às vezes me sinto numa situação meio difícil porque o estudante coloca a questão e eu realmente não estou entendendo. Guando isso se dá nos EUA, eu até tenho a chance de dizer: "Eu não entendo inglês, poderia repetir?" Mas aqui eu não posso dizer: "Olha

eu não entendo bem o português." Então eu digo pro estudante: Olha eu vou repetir a pergunta e presta atenção pra ver se eu não distorço o espírito da tua pergunta. Se eu distorcer você me diz". Então eu repito a pegunta que ele me fez, reformulando de maneira mais clara como eu penso que entendi. Aí o estudante diz: "Era isso mesmo que eu queria perguntar, só que não estava sabendo". Eu digo: "Ah! Então ótimo!". Mas se eu digo: "Não. você é um idota". com que autoridade eu poderia dizer isso ao jovem estudante? Que sabedoria tenho eu pra fazer isso? Quem sou eu? Então esse é outro treco que eu encontro de absolutamente fundamental.

"Na medida em que você assume a posição ingênua do educando. você supera essa posição com ele. e não sobre ele"

Mas. se é fundamental assumir a ingenuidade do educando, é absolutamente indispensável assumir a criticidade do educando diante da nossa ingenuidade de educador. Esse é o outro lado da medalha para o educador auto suficiente. Só o educando é ingênuo. O educador nunca é. No fundo ele é que é ingênuo, porque a ingenuidade se caracteriza pela alienação de si mesmo ao outro. Pela transferência de si em alguém para o outro. Eu não sou ingênuo. O patrício é que é ingênuo. Eu transfiro prá ele a minha ingenuidade. Eu só crítico na medida em que eu também acredito que eu também sou ingênuo, porque não há nehuma absolutização da ingenuidade e nem absolutização da criticidade. Então o educador que não faz esse jogo dialético, contraditório, dinâmico, ele pra mim não trabalha pela LIBERTAÇÃO.

O educador é um político

Pra terminar essa série de considerações, eu diria a vocês o seguinte: tudo isso é política, porque no fundo, a EDUCAÇÃO É UM ATO POLITICO! A educação é tanto um ato político quanto um ato político é educativo. Não é possível negar, de um lado, a politicidade da educação e do outro a educabilidade do ato político. E é nesse sentido que todo partido é um educador sempre. Mas depende de quê Educação é essa que esse partido faz. Depende de com quem ele está. A favor de quê está o educador ou a educadora. Então, se a Educação é sempre um ato político, a questão fundamental que se coloca pra mim é a seguinte:

O educador, a educadora, somos todos políticos. O que é importante saber agora é se a política que nós fazemos está a favor de quem? Qual é a nossa opção?

E clareada a nossa opção, então a gente vai ter que ser coerente com ela; aí é que fecha o cerco. Porque não adianta o discurso revolucionário com uma prática reacionária. Não adianta que eu passe uma noite fazendo esse curso aqui, e depois vá à área de favela "salvar" os favelados com minha

ciência, em lugar de aprender com os favelados a ciência deles.

Porque na verdade, meus amigos, não é o discurso que diz se a prática é válida. É a prática que diz se o discurso é válido ou não.

Então, quem ajuíza é a prática, sempre, e não o discurso. E não adianta um lindo sermão ao qual se segue uma prática reacionária. Não adianta uma proposta revolucionária se no dia seguinte a minha prática é pequeno-burguesa. Isso é que eu acho que é fundamental.

A coragem de correr o risco

Agora é claro, que para aqueles que estão metidos em alfabetização de adultos, há um bocado de coisinhas que não foi dita aqui, que deve ser aprendida e que deve ser feita. Por exemplo: como é que faz a decodificação de uma palavra? Como é que você acha uma palavra melhor? Como é que você codifica? O que significa codificar? O que significa descodificar? Há uma série de outras coisas, mas eu diria a vocês, que o fundamental é essa coerência com a opção que a gente tem, que é política. É essa coragem de correr o risco. Porque a Educação Libertadora, ou ela é uma aventura permanente ou não é criadora. Não há criação sem risco. O que a gente tem que fazer é reinventar as coisas.

A marca do autoritarismo

Temos que combater em todos nós uma marca trágica que nós carregamos, os brasileiros e as brasileiras, que é a do autoritarismo que marcou os primórdios do nosso nascimento. O Brasil foi inventado autoritariamente. E é autoritariamente que ele continua. Não é de se espantar de maneira nenhuma que a abertura se faça autoritariamente. Eu fiz um discurso em Goiânia, no Congresso Brasileiro de Professores, em que li uma série de textos começando por um sermão fantástico do Pe.Vieira, durante a guerra dos holandeses.

Ele dizia uma coisa muito bonita: em nenhum milagre Cristo gastou mais tempo, nem mais trabalho teve do que em curar o endemoniado mudo. E esta tem sido a grande enfermidade deste país: o silêncio a que tem sempre submetido o povo. O que Vieira não disse e porque inclusive ele não faria essa análise de classe tão cedo. é que, sobretudo, nesse país, quem tem sido mudo é a classe popular, as classes trabalhadoras. Quer dizer, não mudas no sentido de não fazerem nada. Elas têm feito sua rebelião constante. As lutas populares nesse país são coisas maravilhosas! Só que a historiografia oficial, em primeiro lugar, esconde as lutas populares. Em segundo lugar, quando conta, conta distorcidamente, em terceiro lugar, o poder autoritário faz

tudo pra gente esquecer. Mas essa é a marca do autoritarismo nesse país.

Outro trechinho que eu citei é o discurso de Joaquim Nabuco no parlamento, sobre a mudança da constituição. Tem 103 anos o discurso. Ele só não usou a palavra pacote, mas o resto é dele. Igualzinho hoje! Vocês já imaginaram como nós somos autoritários, os intelectuais desse país, inclusive quando somos de esquerda? Mas o autoritarismo nosso se tranformou na arrogância nossa, na sabedoria que a gente fala, no comportamento da gente no seminário, no curso, nas exigências de leitura. O professor cita 40 livros num semestre e manda o estudante ler uns 200 capítulos a mais dos 40 livros. E o aluno não lê nem jornal. Pois isso eu venho dizendo a mais de trinta anos.

Comece a reaprender de novo

Se você pretende pra semana começar um trabalho com grupos populares, esqueça-se de quase tudo o que já lhe ensinaram. Dispa-se, fique nú de novo e comece a se vestir com as massas populares. Esqueça-se da falsa sabedoria e comece a reaprender de novo. E aí é que vocês vão descobrir a validade daquilo que vocês sabem, na medida em que vocês testam o que vocês sabem com o que o povo está sabendo. Eu acho que isso é o básico.

Eu nunca escrevi nada do que tivesse feito. Nem carta eu posso fazer se não tiver algo importante sobre o que conversar. Então é uma das minhas boas limitações. Meus livros são sempre relatórios. Agora é claro, são relatórios teóricos, feitos a partir da prática, então isso significa o seguinte: quem pretende trabalhar com esses relatórios, que são meus livros, deve sobretudo estar sempre disposto a recriar o que eu fiz, a re-fazer, e não só copiar, mas reinventar as coisas. Este treco inclusive é muito cristão. é nesse sentido que a gente participa da obra da criação e re-criação do mundo com Deus. Eu faço uma força danada pra não deixar de cumprir essa tarefa. Esse negócio de receber coisinha de graça de Deus eu não gosto. É dar o duro também.

Uma experiência

Assim que eu chequei da Europa pra morar de novo no país, eu trabalhei um semestre com um grupo de jovens que fazia uma experiência numa comunidade de favelados. Eles fizeram durante alguns meses um trabalho. Foi durante a construção de um barraco que eles fizeram uma experiência de alfabetização muito interessante. Depois eles sumiram de casa e bem depois apareceram de novo e me disseram: "Paulo, a coisa mais formidável que a gente tem pra dizer é que por mais que a gente tivesse lido você e conversando com você, a gente cometeu um erro tremendo. A gente tinha botado na cabeça da gente que o povo queria ser alfabetizado. Como a gente sugeriu ao povo que a alfabetização era muito importante, o povo passou seis meses com a gente falando

daquilo por causa da gente. Depois, que o povo ganhou intimidade com a gente dando risada eles falaram: "nóis nunca quis isso!". Vocês vejam, olha era uma equipe bacana que tinha lido tudo meu, que tinha discutido comigo um semestre. E eu também fui enrolado por ela. Essa equipe está totalmente convencida do que o povo queria na verdade. Essa equipe tinha transferido ao povo a necessidade de alfabetização.

Isso é outra coisa, pois num país de 480 anos o povão leva porrete, é a coisa mais fácil do mundo se você chega com pinta de intelectual e você termina insinuando, sugerindo que há uma necessidade que o povo deve atender a ela. O povo vai dizer: "é, senhor, o que eu quero". Então essa advertência que eu faco.

Conclusão

4Viver pacientemente impaciente

Uma coisa que eu sempre falo e que poria agora num dos princípios que eu esqueci: O educador na opção que a gente pensa que tem, tem que viver pacientemente impaciente, viver a relação entre a impaciência e a paciência. Não é possível ser só impaciente como muita gente é. Querer fazer uma revolução daqui a quinta-feira.

é meter na cabeça da gente um desenho da realidade que não existe, como esse por exemplo: "as massas já tem o poder no Brasil, só falta o governo". Isso só existe na cabeça de alguém, não na realidade econômica, política e social do Brasil.

"A impaciência significaria a ruptura com a paciência. Então quando você rompe com um desses dois pólos, você rompe em favor de um deles".

Perguntas

- 1. Confronto com a proposta da reunião anterior.
- 2. Ao seu ver qual a idéia central do texto?
- 3. Como se dá em nossa prática "o assumir a ingenuidade do educando"?
- 4. Até que ponto o nosso grupo se fecha num grupo de "iluminados" que têm a receita pronta para a libertação?
- 5. Qual está sendo nosso discurso e qual está sendo a nossa prática? Qual a relação entre os dois?
- 6. Por que Paulo Freire coloca a educação como um ato político?
- 7. Por que sempre se esconde na história do Brasil a participação popular?
- 8. Como podemos confrontar o texto acima com a fé que a cente vive?
- O coordenador deve trazer algum texto tirado do evangelho, algum documento da Igreja ou algum livro para facilitar a discussão.

9. Como concretamente iremos combater esse autoritarismo que existe em nós?
O que podemos fazer para que nossa memória histórica não seja esquecida e como nosso grupo pode ajudar a viver a história da classe oprimida desse país?

"... TU VIVES, MAS TRISTE DUMA TAL TRISTEZA TAO SEM AGUA DU CARNE TAO AUSENTE, VAGO, QUE PEGAR QUISERA NA MAO E DIZER-TE: AMIGO. NÃO SABES QUE EXISTE AMANHA? ENTAO UM SORRISO NASCERA NO FUNDO DE TUA MISÉRIA E TE DESTINARA A MELHOR SENTIDO. EXISTO, AMANHA SERA OUTRO DIA. PARA ELE VIAJAS. VAMOS PARA ELE. VENCESTE O DESGOSTO. CALCASTE O INDIVIDUO. JA TEU PASSO AVANCA EM TERRA DIVERSA. TEU PASSO: OUTROS PASSOS AO LADO DO TEU..." (Carlos Drumond de Andrade Uma Hora e mais outra)